



Grupo de moradores do Caldeirão detidos pelas forças públicas estaduais.

SANTA CRUZ DO DESERTO

REVISITANDO O CALDEIRÃO E A SAGA DO BEATO JOSÉ LOURENÇO

ADAPTADO DO SITE TOK DE HISTÓRIA

Em 1897, quando as tropas federais destruíram Canudos, o beato José Lourenço Gomes da Silva iniciava, no Sítio Baixa D'Anta, no Crato – Ceará, a organização de uma comunidade camponesa que, após, alguns anos de uma existência pacífica, seria, literalmente dizimada. A experiência realizada pelo beato José Lourenço representou a última tentativa de um beato e seus seguidores de organizar uma comunidade camponesa de cunho religioso nos sertões nordestinos. Isto porque a política modernizante-autoritária do Estado Novo, aliada às facções fascistas da Igreja Católica, destruíram sistematicamente os movimentos populares – de beatos e cangaceiros – filhos excluídos do século XIX. José Lourenço chegou ao Juazeiro do Norte na época dos “milagres”, por volta de 1889, quando a aldeia fervilhava de romeiros vindos de todas as regiões do Nordeste para a “terra do Padre Cícero”.

"A POLÍTICA MODERNIZANTE-AUTORITÁRIA DO ESTADO NOVO, ALIADA ÀS FACÇÕES FASCISTAS DA IGREJA CATÓLICA, DESTRUÍRAM SISTEMATICAMENTE OS MOVIMENTOS POPULARES – DE BEATOS E CANGACEIROS – FILHOS EXCLUÍDOS DO SÉCULO XIX."

Duas coisas primordiais os atraíam: as terras férteis do Vale do Cariri (a possibilidade de uma vida menos rude) e a certeza de alcançarem a salvação na cidade do padre.

Ele mesmo constatou o fato, ao afirmar que “Juazeiro tem sido um refúgio dos náufragos da vida”: multidões de miseráveis, refugiados vindos das regiões castigadas pelas secas chegavam ao Juazeiro do Norte quase diariamente.

O beato José Lourenço logo se integrou à aldeia e tornou-se penitente. Penitente é a pessoa que se confessa regularmente. Morou alguns anos no Juazeiro do Norte e depois foi com a família viver no sítio Baixa d’Anta. Quem para lá o encaminhou foi o próprio padre Cícero. José Lourenço era um de seus muitos afilhados informais e por isso ocorreu a designação.

Lá começaram a desenvolver uma experiência de convivência coletiva com base em mutirões de trabalho, o que levou a um esboço de organização camponesa de cunho cooperativista.

Na comunidade, a experiência vivida tornou-se uma experimentação concreta da fé, a materialização de uma nova forma de vida: o trabalho aliado a um forte sentimento religioso.

“

ENQUANTO A COR DA PELE VALER MAIS DO QUE O BRILHO DOS OLHOS SEMPRE HAVERÁ GUERRA.
BOB MARLEY, MÚSICO.

”



CALDEIRÃO FOI DEVASTADO EM 1937, E, UM ANO DEPOIS, LAMPIÃO E SEUS SEQUAZES FORAM ASSASSINADOS PELO CAPITÃO JOÃO BEZERRA, SEGUIDO, MESES DEPOIS, PELA DIZIMAÇÃO DOS RESTOS DE BEATOS QUE VIVIAM EM PAU DE COLHER, NA BAHIA, PELO IMPLACÁVEL CAÇADOR DE BEATOS E CANGACEIROS, JOSÉ G. BEZERRA...



José Lourenço Gomes da Silva, nasceu em Pilões de Dentro e faleceu em Exu em 12 de fevereiro de 1946. Foi o líder da comunidade Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, localizada na zona rural do Crato (Ceará).



O SÍTIO BAIXA D'ANTA E O BOI MANSINHO

O que mais marcou a sua vida no sítio Baixa d'Anta e tornou José Lourenço conhecido na região foi o episódio do "boi mansinho". Tratava-se de um garrote que o Padre Cícero ganhara de presente e dera ao beato para criar. Como era um animal pertencente ao Padre Cícero, toda a comunidade dedicava um tratamento especial ao boi. Em pouco tempo surgiram boatos de que o "boi mansinho" fazia milagres, curando pessoas e realizando liturgias da Igreja Católica...

Por essa época (cerca de 1920), além das perseguições religiosas contra o Padre Cícero, a imprensa fazia uma feroz campanha contra Floro Bartolomeu. Este passou a ser acusado pelo Deputado Federal Morais e Barros como o "Deputado de bandidos e fanáticos".

Sob pressão, Floro Bartolomeu foi obrigado a agir: mandou prender o beato José Lourenço e matar o boi "santo" para desfazer-se da acusação de proteger fanáticos. Esse foi um dia muito triste para toda a comunidade. O beato não cometera nenhum crime para ser preso.

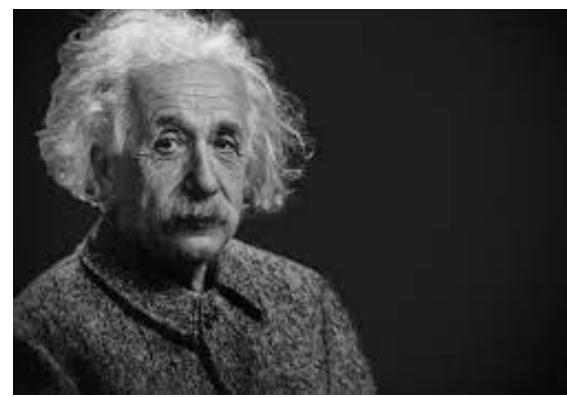
Pouco tempo depois, solto e humilhado, com fama de "fanático" José Lourenço perambulou pelo Juazeiro do Norte até que voltou ao sítio Baixa d'Anta, onde viveu mais alguns anos, quando o proprietário da terra vendeu a propriedade e expulsou-o de lá. O beato passou algum tempo em Juazeiro novamente, onde, pelas suas práticas religiosas, adquiriu fama de "homem santo" e passou a ser tratado oficialmente como "beato".

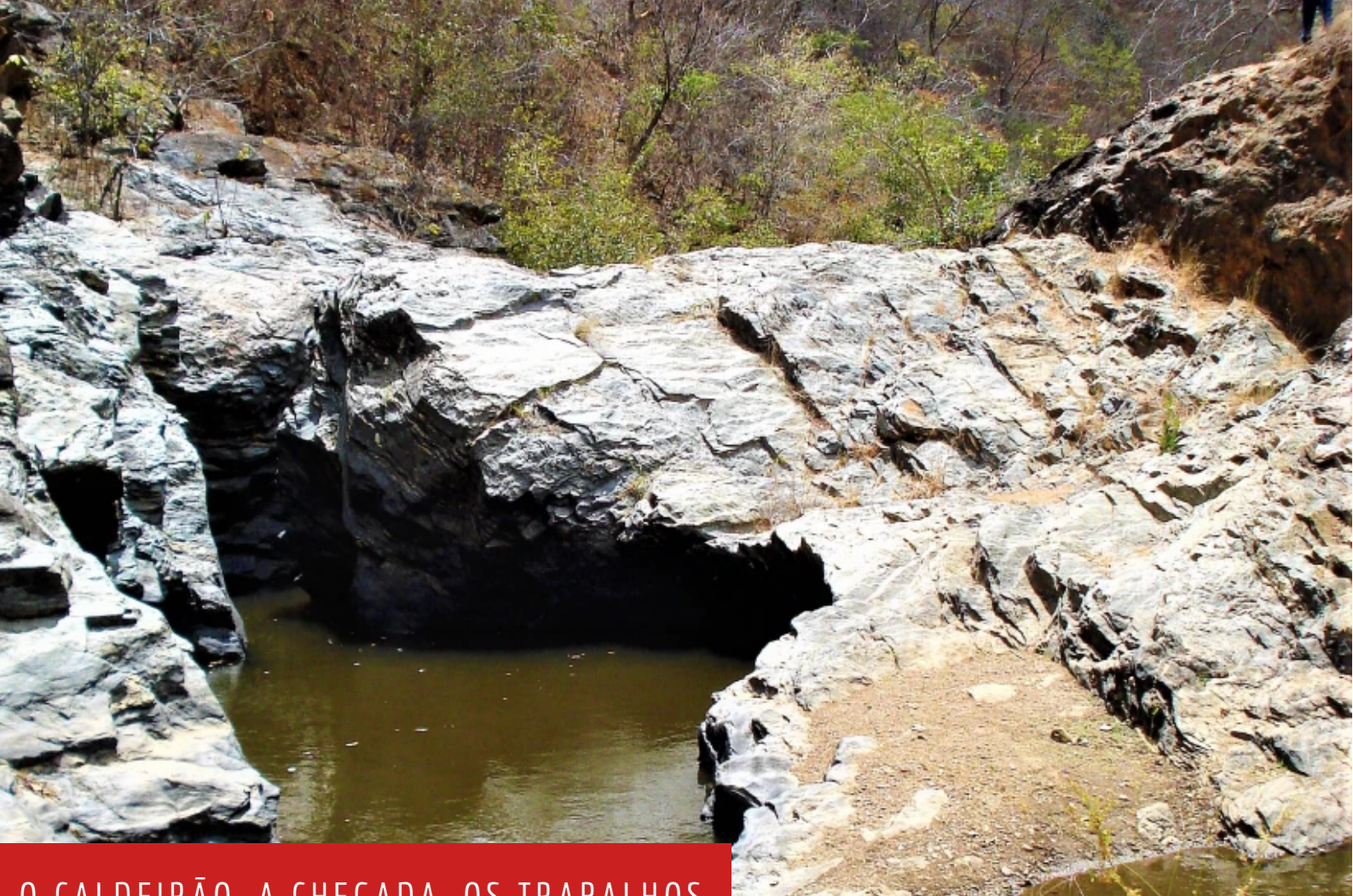
Em 1926 retirou-se com algumas famílias para o sítio Caldeirão dos Jesuítas, terra pertencente ao Padre Cícero. A terra estava desocupada e necessitava de alguém que a cuidasse e desse-lhe utilidade.

Se a experiência vivida no sítio Baixa d'Anta havia terminado, muita coisa ainda havia por acontecer...

**"NENHUM PROBLEMA
PODE SER RESOLVIDO
PELO MESMO ESTADO
DE CONSCIÊNCIA QUE
O CRIOU."**

ALBERT EINSTEIN





O CALDEIRÃO, A CHEGADA, OS TRABALHOS

O sítio Caldeirão dos Jesuítas era uma pequena propriedade abandonada, com cerca de 900 hectares, do outro lado da Serra do Araripe, distante cerca de vinte quilômetros do Crato. Encravado entre serras e morros, de acesso extremamente difícil, era lugar ideal para o isolamento. Lá instalados, o beato e seus seguidores deram início aos trabalhos de limpeza dos matos, de construções e de reparos de cercas.

Construíram a casa do beato e as casas dos primeiros demais moradores. Como a terra era seca, iniciaram também a construção de pequenas barragens nos grotões e socavões dos morros, garantindo assim razoável abastecimento de água para as épocas de secas. Nas terras altas deu-se início à plantação de algodão, milho e feijão. Nos baixios, irrigados por processos primitivos, plantou-se cana-de-açúcar e arroz. Pequena engenhoca levantada nas imediações do povoado passou a produzir rapaduras, batidas e melão suficientes para o sustento da comunidade.

A principal testemunha dos acontecimentos do Caldeirão, o senhor Henrique Ferreira, recentemente falecido, assim descreve o trabalho como penitência na comunidade do Caldeirão: “*É os penitentes, é os pobres penitentes, que todo pobre é penitente. O trabalhador é um pobre penitente! Tá na penitência do trabalho!*” Nestas condições, a pobreza da vida tornou-se suportável. Foi a partir desta perspectiva religiosa – o trabalho como penitência – que a comunidade camponesa do Caldeirão se organizou.

Construíram ainda a casa de farinha e produziam sabão a partir de uma planta nativa da região, conhecida por “pingui”. Em pouco tempo, o que era uma terra deserta e abandonada transformou-se em um pequeno arraial. Cada nova família que lá chegava era bem recebida, e os que já viviam no sítio construía logo a nova moradia; alastraram-se as casinhas a partir do sopé dos morros, formando, gradativamente, um cinturão em redor da pequena planície onde floresciam as primeiras plantações.



A divisão do trabalho era simples: os homens trabalhavam na limpeza dos terrenos, na construção de casas, de caminhos, de cercas e na agricultura, enquanto as mulheres, além dos trabalhos caseiros, carregavam água para molhar as plantas, ajudadas pelas crianças maiores.

O problema da água fora resolvido através da construção de dois açudes. O beato estava sempre à frente de todos os trabalhos e tudo era feito sob sua orientação. Trabalhava-se das seis da manhã às seis da noite, sob o ritmo dos benditos, puxados pelos trabalhadores.

A incrível capacidade de trabalho e liderança do beato é atestada por todos, inclusive por quem não nutria simpatia por ele, como o tenente Góis de Barros, que comandou a invasão e destruição do sítio em 1936 e afirmou espantado em seu relatório: “Aliás, faça-se justiça, o espetáculo de organização e rendimento do trabalho, com que nos deparamos ali, era verdadeiramente edificante”. Toda a produção e consumo eram controlados por Isaías, espécie de “ministro do planejamento e da economia” da comunidade.

Os produtos eram armazenados em celeiros e redistribuídos de acordo com as necessidades de cada família. Não circulava dinheiro na comunidade e a organização social era rígida, dentro de padrões de uma religiosidade quase ascética.

Outras pessoas ajudavam o beato José Lourenço na administração coletiva, destacando-se o papel exercido por Severino Tavares, que, apesar não viver no sítio, agia como “divulgador”, convidando romeiros para visitar a comunidade.

Seu trabalho como propagandista da vida no Caldeirão muito contribuiu para o aumento da população do sítio, pois muitas pessoas (levadas por ele) que iam apenas conhecer o beato, lá permaneciam definitivamente.

Com o crescimento populacional do sítio diversificaram-se as atividades produtivas. No meio de tantos trabalhadores que chegavam ao Caldeirão, encontravam-se profissionais das mais diversas especialidades.

Organizaram-se então as primeiras oficinas, passando-se a fabricar os mais diversos instrumentos de trabalho e utensílios domésticos.

Em pouco tempo a comunidade produzia praticamente tudo o que necessitava para a sua sobrevivência. Apenas o sal e o querosene, assim como remédios, eram comprados pelo beato, com o dinheiro que arrecadava com a venda de rapadura e algodão.

De forma paralela, desenvolveu-se a criação de animais: bovinos, caprinos e suínos, além das mais diversas espécies de galináceos.

Através deste quadro sintético da organização econômica e social da comunidade do sítio Caldeirão, fácil é perceber que ela formava um vivo contraste em relação à situação dos trabalhadores dos latifúndios do sertão.

Ali havia fartura, fruto do trabalho intenso de muitas pessoas em mutirão. A população do sítio alcançou, na fase mais populosa, cerca de duas mil pessoas, o que representava uma descomunal força de trabalho, fazendo com que os celeiros estivessem sempre cheios.

Foi esta fantástica organização do trabalho visando a plena satisfação das necessidades fundamentais da comunidade que os tornou praticamente autossuficientes.

Tal característica marcou de forma indelével a experiência realizada no sítio Caldeirão pelo beato José Lourenço, e que o transformou em uma ilha de fartura em meio à miséria reinante no sertão da época.

“

**QUEM ME DERA
AO MENOS UMA VEZ
QUE O MAIS SIMPLES
FOSSE VISTO
COMO O MAIS IMPORTANTE.**
RENATO RUSSO
MÚSICO, LETRISTA.

”

LEITURA | ESCRITA | RESPONSABILIDADE SOCIAL

Era uma comunidade pobre, evidentemente, composta por lavradores, homens e mulheres de pouca instrução, mas bem alimentada material e espiritualmente. A religiosidade popular, que perpassava todos os atos cotidianos da comunidade, tornava suportável a penitência do trabalho e um pouco mais fácil a vida. Isso era extremamente atrativo para os recém chegados a Juazeiro do Norte...

As reservas de víveres permitiram que a comunidade sobrevivesse à grande seca de 1932, apesar de o número de habitantes do sítio ter sido acrescido de cerca de 500 pessoas no período. É que o beato abriu as portas para receber todos os flagelados da seca que lá quisessem permanecer!

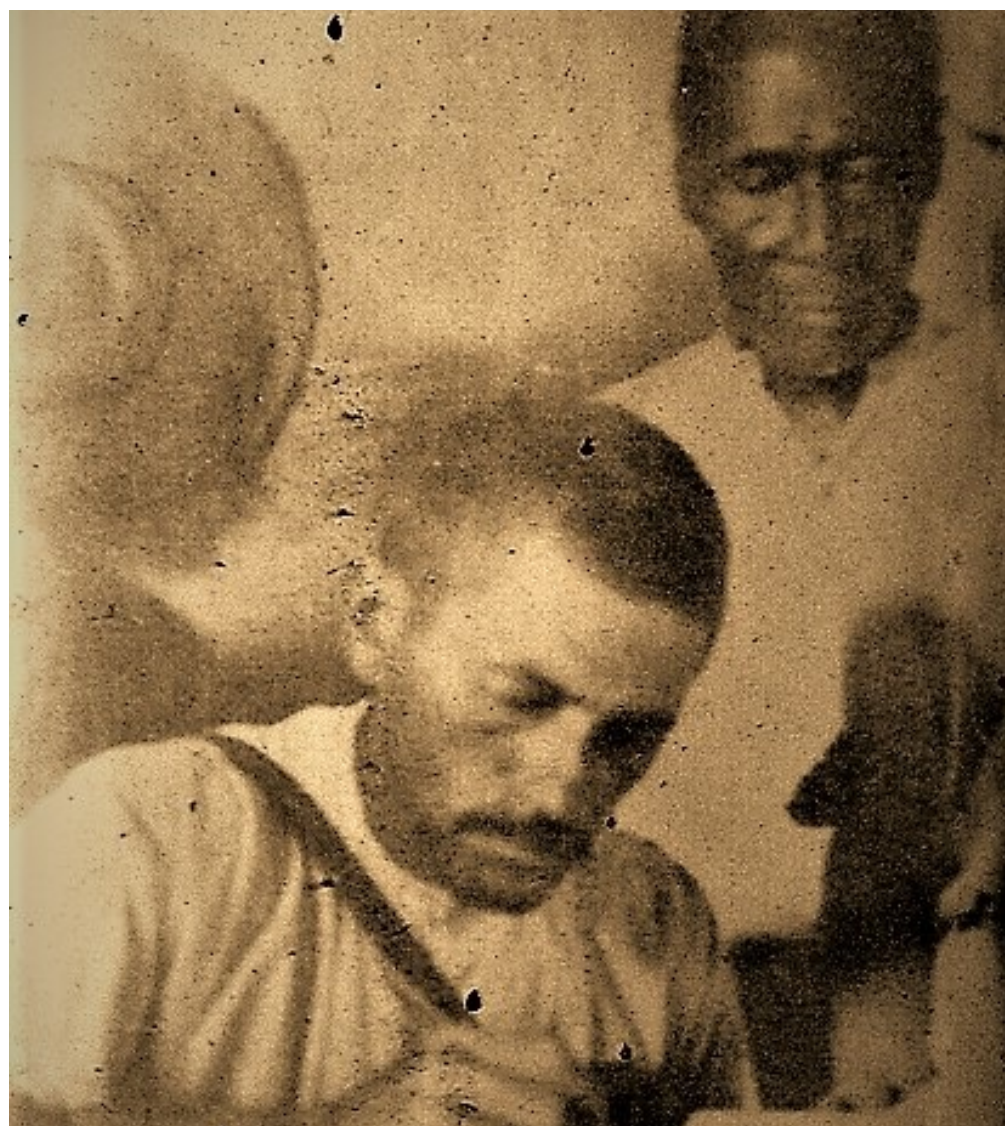
Após a morte do Padre Cícero, em 1934 — época em que os habitantes do Caldeirão passaram a se vestir todos de preto, em luto perpétuo pelo “santo” do Juazeiro — grande parte dos romeiros que iam a Juazeiro visitar o túmulo do patriarca fazia questão de ir ao Caldeirão pedir a bênção ao beato José Lourenço. Isto se devia ao fato de José Lourenço representar o único sobrevivente dos “santos” do Juazeiro, como diziam alguns.

Os romeiros ao visitarem a comunidade contribuíam com o desenvolvimento econômico do sítio, pois levavam valiosos presentes, que iam desde cargas de alimentos, animais a até objetos preciosos.

“O ESPETÁCULO DE ORGANIZAÇÃO E RENDIMENTO DO TRABALHO, COM QUE NOS DEPARAMOS ALI, ERA VERDADEIRAMENTE EDIFICANTE.”

TENENTE GÓIS DE BARROS

O Beato José Lourenço e sua Ação no Cariri



Na foto pequena: recorte de jornal sobre as atividades do beato. Na foto maior: o beato defendia que seu seguidores soubessem ler e escrever. Havia alguma atividade voltada para a instrução, embora bastante precária.

FAKE NEWS

MALEDICÊNCIAS E ATAQUES

Entretanto, a morte de Padre Cícero – amigo e protetor do beato – anunciava também as tempestades que se avizinhavam. O crescimento constante da popularidade do beato, aliado à prosperidade crescente do sítio, despertou a atenção das elites políticas e religiosas do Crato.

Diziam que o beato oficiava sacramentos reservados ao clero de forma bárbara e sacrílega, que vivia em concubinato com as beatas, possuindo harém de 16 mulheres, que explorava a ignorância e o fanatismo dos camponeses, usando a sua força de trabalho para enriquecer.

Fanatismo, consequencia moral da superstição e penuria

Como o “beato” José Lourenço conseguiu reunir, no interior do Ceará, 700 “devotos” que lhe obedeciam cegamente
UM HAREM COM 17 MULHERES — A VIDA EM PROMISCUIDADE — MYSTICISMO E EXPLORAÇÃO — UM SULTAO MATUTO — O PADRE CÍCERO ERA DIFFERENTE

Os jornais iniciaram a campanha contra o beato e sua comunidade. O artigo intitulado “Os fanáticos do Caldeirão”, publicado no jornal “O Povo”, afirmava, entre outras coisas: “Dois malandros do Ceará, José Lourenço e Severino Tavares, andam explorando no Vale do Cariri a memória do Padre Cícero”. Para a hierarquia católica, o Caldeirão parecia representar uma ameaça: o beato poderia tornar-se um novo “santo” como o padre Cícero... E, nesse caso, com o agravante de estar fora do controle da Igreja: seria um novo Antônio Conselheiro!

Assim, alarmados, os proprietários vizinhos e as elites políticas e religiosas atacavam sistematicamente o beato e sua comunidade: “Setores conservadores ligados à política regional, insuflados pelos proprietários de terras e do clero, encarregam-se de espalhar boatos sobre o beato José Lourenço e os habitantes do Caldeirão.

Mas os engendramentos das elites aristocráticas, clericais e latifundiárias do Crato e de Juazeiro do Norte iriam muito, muito mais além...

No anúncio de jornal acima o beato José Lourenço é veiculado como bigamo, sultão proprietário de um harém, promíscuo, místico e explorador. Uma rede de fake news estava habilmente articulada.



O padre Cícero: depois de sua morte, os ataques ao beato tornaram-se sistemáticos. Uma ampla rede de boatos foi criada. Esta rede envolvia jornais, políticos, advogados, coronéis e fazendeiros da região, enfim, pessoas que formavam a opinião pública, além de populares que contribuíam para a difamação e construção de uma imagem que não era verdadeira.



*O beato José Lourenço, entre mulheres fanaticas do seu
bando, inclusive uma menina*

ARMADOS DE FOICES E MACHADOS

**Bandos de fanaticos, chefiados pelo beato
"Zé Lourenço", ameaçam o sertão cearense
Reforçados os destacamentos policiaes de
Crato e Joazeiro**

Fake news: como lavradores, mulheres e crianças podem, com foices e machados, ameaçar o sertão cearense?

Aspectos e problemas do nordeste

Um authenticico valor cultural do paiz — O fanatismo entre nós um caso mais serio do que se pensa — Zé Lourenço do "Caldeirão"



Fazendo do "Caldeirão" onde o beato José Lourenço con regára mais de 1.000 fanáticos, proximo a Joazeiro, no sul do Ceará. Na gravura vê-se um grupo dos adeptos daquelle "beato"

Em jornal da época fica muito clara a perseguição pública que se estabeleceu em torno do beato José Lourenço e seus seguidores. Referido como fanático que congrega mais de mil adeptos, o jornal refere-se a José Lourenço como "aquele", numa clara demonstração de animosidade.

Era, enfim, a orquestração de uma formidável avalanche de inverdades com o objetivo de destruir a experiência comunitária do Caldeirão.

Diante de tantas inverdades habilmente divulgadas, os padres salesianos, herdeiros legítimos das terras do Padre Cícero, decidem tomar o sítio sem qualquer indenização ao beato pelos benefícios e pelas benfeitorias lá realizados. Para isto, contratam o advogado Norões Milfont, deputado da Liga Eleitoral Católica — LEC (de cunho fascista), que passa a defender a causa dos mesmos.

Fervoroso, o advogado passou a divulgar que o Caldeirão era uma nova Canudos, que o beato José Lourenço possuía armas escondidas e que a comunidade representava uma séria ameaça ao sertão cearense e ao Estado, por ser de franca tendência comunista.

Era, enfim, a união da Igreja, do Estado e das elites políticas e latifundiárias contra a comunidade camponesa igualitária do sítio Caldeirão...

Mas o advogado dos salesianos não se limitou a espalhar boatos denegrindo a comunidade; para provar suas denúncias e incriminar ainda mais o beato e seus seguidores, enviou um espião ao Caldeirão. Decidiu-se enviar "um dos maiores bandidos-autoridade de que se teve notícias no Ceará", na expressão de Optato Gueiros.

Era o Capitão José Gonçalves Bezerra, conhecido na região como um implacável caçador de cangaceiros, sendo, na verdade, um policial corrupto. Escolhido o espião, as autoridades iniciaram as investigações.

Para esclarecer os "fatos", foi ao sítio o Capitão José Bezerra, disfarçado em industrial interessado nas possibilidades econômicas da região, em relação à indústria de oiticica.

Em uma sociedade mantida pela mentira, qualquer expressão de liberdade é vista como loucura.



EMMA GOLDMAN

Ativista política.



O espião: enviado ao sítio Caldeirão para realizar uma minuciosa investigação, não há registros sobre onde teria nascido o capitão José Gonçalves Bezerra. Mas foi morto supostamente por vingança em 10 de maio de 1937 no sítio Conceição, na cidade do Crato - CE.



José de Góis de Campos Barros, autor dos relatórios sobre o sítio Caldeirão.

Com exceção dos dois militares, todos os outros pertenciam à LEC. Baseados no relatório, as autoridades decidem pela intervenção, tão logo esta fosse possível. O Tenente José Góis de Campos Barros comandou a expedição, no mês de setembro de 1936.

O Tenente José Góis, em seu relato, diz que após juntar todos os habitantes no centro da comunidade, explicou a eles para que viera: acabar com a comunidade, porque “o Estado não podia permitir aquele ajuntamento perigoso”. As ordens eram que cada família juntasse seus pertences e voltasse para os seus locais de origem.

Ofereceu passagens de trem e de navio, que foram unanimemente rejeitadas: E, fato singular, ninguém tinha bens a conduzir. Tudo o que ali estava, diziam, era de todos, não tinha dono.



O capitão Cordeiro Neto.

O RELATÓRIO DE JOSÉ G. BEZERRA

Admitido na residência do beato, o capitão Bezerra tudo observou, especialmente as riquezas acumuladas no sítio, fruto do trabalho sistemático da comunidade, o que logo lhe despertou o interesse. O resultado da observação foi um detalhado relatório. Segundo tal, cerca de 75% dos participantes do Caldeirão eram do Rio Grande do Norte; 20% divididos entre Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Maranhão e Piauí. Apenas 5% eram do próprio Ceará. No seu relatório, Bezerra refere-se ainda à existência de “uma nova Canudos, de um coito de fanáticos e do terrível perigo comunista”. Solicita, assim, urgente intervenção.

De posse do relatório, o interventor e governador do Estado, Menezes Pimentel, reuniu o advogado dos salesianos Norões Milfont, o Bispo do Crato, Dom Francisco de Assis Pires, Andrade Furtado, Martins Rodrigues, o Capitão Cordeiro Neto (chefe de polícia) e o delegado do DEOPS, o tenente José Góis de Campos Barros.



Sobreviventes do covarde ataque ao Caldeirão.

O MASSACRE, A FUGA E A MORTE DO BEATO

Como todos os membros da comunidade negaram-se a abandonar o sítio, seguiu-se o covarde bombardeio na Serra, quando três aviões, comandados pelo Capitão José Macedo, autorizado pelo Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, conduzindo bombas, metralhadoras e grande quantidade de munições, atacaram os agrupamentos de camponeses do Caldeirão...

Por terra, atacavam as forças policiais. O Capitão Cordeiro Neto avaliou a chacina em cerca de duzentos mortos, enquanto outras fontes orais afirmam que o número de mortes teria atingido uma cifra bem maior: entre setecentas e mil pessoas...

Muitas pessoas fugiram para destinos diversos. O beato José Lourenço escapou do bombardeio e continuou por algum tempo refugiado na Serra do Araripe. Severino Tavares e seu filho Eleutério foram presos em Fortaleza. A imprensa da época calculou que, após a destruição do sítio, pelo menos mil pessoas foram juntar-se ao beato José Lourenço, na serra. Enquanto o beato ganhava tempo para iniciar negociações visando voltar para o sítio, importantes jornais começam a publicar notícias alarmantes, informando que os beatos ameaçavam invadir fazendas e a feira do Crato.

Após muitas negociações, o beato conseguiu - mediante acordo jurídico-religioso - voltar ao Caldeirão, em 1938. Lá passou mais dois anos, trabalhando e reconstruindo o sítio, junto com poucas famílias de camponeses — o acordo não permitia mais “ajuntamentos”.

Quando já reorganizara a produção no sítio, o beato e sua gente foram novamente expulsos pelos salesianos. Na ocasião, o Sr. Júlio Macedo conseguiu junto ao Juiz de Direito do Crato a devolução do dinheiro que fora entregue ao Juizado por ocasião do leilão do que restara dos bens do sítio após a destruição e saque do mesmo.

De posse desta pequena quantia, o beato ainda conseguiu adquirir uma pequena propriedade no município de Exu, em Pernambuco. Lá, no sítio que denominou de União, o beato, acompanhado de umas poucas famílias, viveu em paz o restante de sua vida. Morreu no dia 12 de fevereiro de 1946, vitimado pela peste bubônica...

Seu corpo foi transportado através da Chapada do Araripe pelos seus fiéis seguidores, até o Juazeiro...

O que o beato não sabia era a recepção que o seu corpo teria da Igreja: levado para uma capela onde seria realizada a missa de corpo presente, o padre, na última condenação da Igreja ao beato, negou-se a cumprir o ritual...

AQUI ENCONTRAM-SE BOB MARLEY, EMMA GOLDMAN, RENATO RUSSO, VINÍCIUS DE MORAES, CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, JOSÉ LOURENÇO, SANTOS DUMONT, ALBERT EINSTEIN, CHICO BUARQUE, JOÃO CABRAL DE MELO NETO, O PABLO LEVI, O PAULO GABRIEL, A TAYNÁ, O PEDRO ARTUR, A MARIA LUÍZA O ANDRÉ VELOSO, A KANDÉLIA E MUITOS OUTROS. POR QUÊ? PORQUE O CONHECIMENTO NÃO TEM LIMITES! AS FRONTEIRAS ESTÃO NA SUA CABEÇA! PENSE NISSO!

REVISTA DISCENTES

MORTOS DO CALDEIRÃO

Ecô da tragedia da Serra do Araripe

Não há nada de importante no Cariri. Continuam as diligencias policiais

Segundo nos informou, a noite de ontem, o illustre dr. Choro de P. F. não ocorreu, de ante-ontem para em nada de importancia a registrar, na região do Cariri.

S. s. conferenciou, ontem a tarde, com o tenente Jose Gois, delegado da Ordem Social e que se encontra no Crato, na direcção das operações. O illustre militar informou ao Chefe de Policia

pensáveis, o sr. Capitão Cordeiro Neto que viajara em avião militar.

Na presente edição, divulgamos duas fotografias sensacionais. Elas representam os corpos dos três fanaticos mortos no conflito de Conceição, e cujos cadaveres foram encontrados ao lado do do Cap. José Bezerra. As fotografias, apanhadas

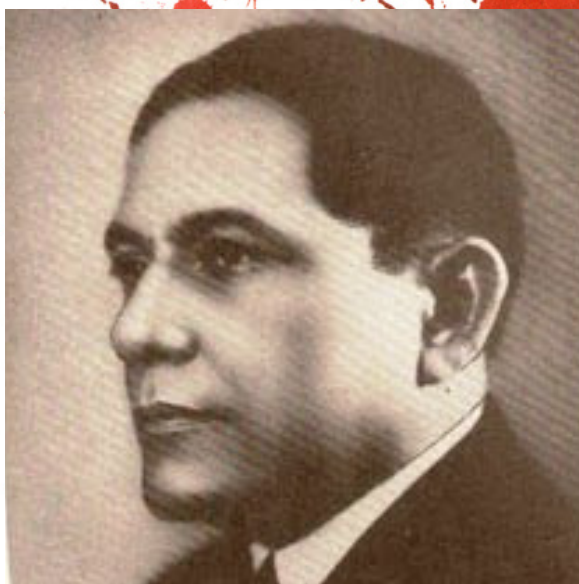


Vítimas do ataque ao sítio Caldeirão.

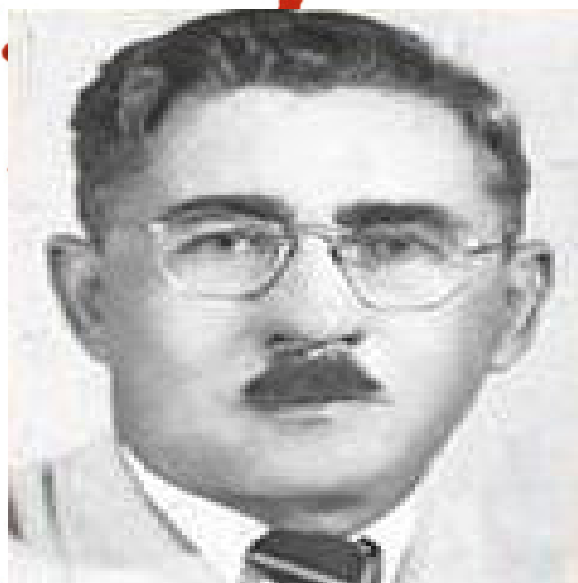
ALGUNS PERSEGUIDORES DO BEATO



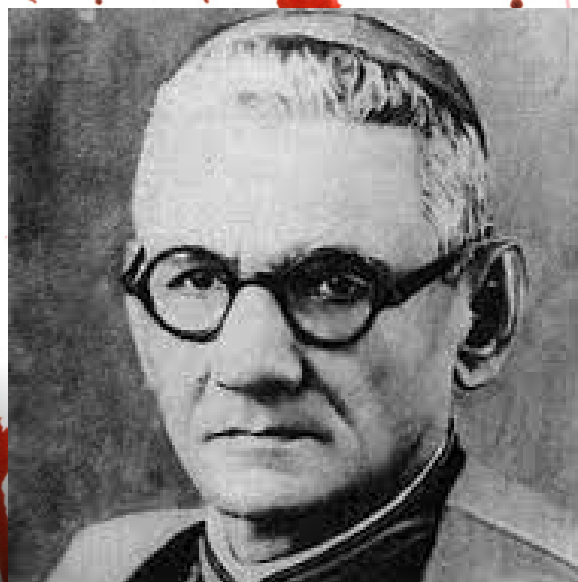
Monsenhor Joviniano Barreto, pároco de Juazeiro do Norte, denunciava às autoridades eclesíásticas da região que na Baixa d'Anta os fanáticos estavam se desviando da ortodoxia da Igreja Católica, e praticando o fetichismo em total heresia aos cultos da Santa Igreja.



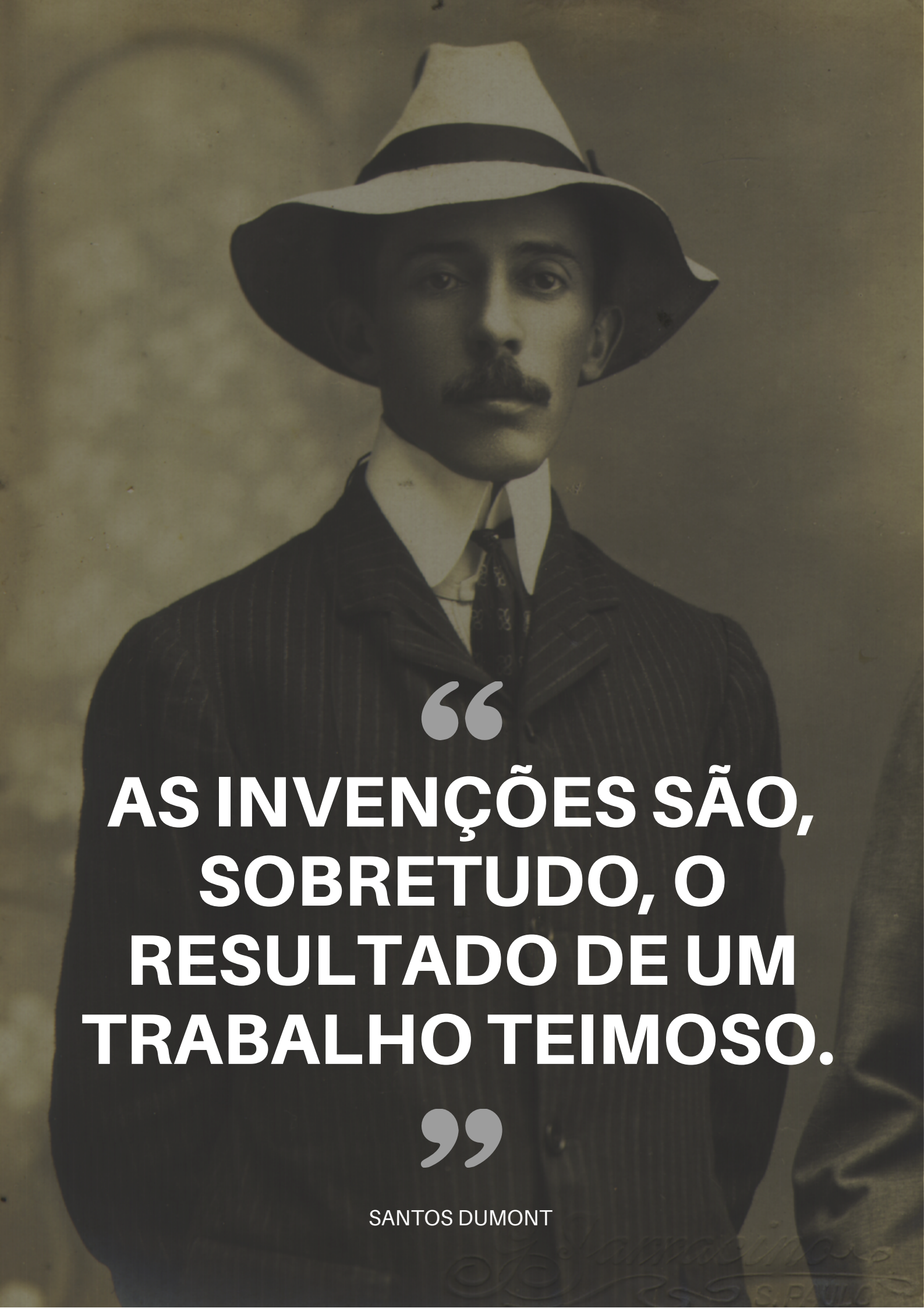
O Governador do Estado, Dr. Menezes Pimentel.



Secretário de Estado, Andrade Furtado.



Bispo do Crato, D. Francisco de Assis Pires.

A black and white portrait of Santos Dumont, a man with a mustache wearing a pinstriped suit and a wide-brimmed hat. The image is used as a background for a quote.

“
**AS INVENÇÕES SÃO,
SOBRETUDO, O
RESULTADO DE UM
TRABALHO TEIMOSO.**

”

SANTOS DUMONT

UMA LONGA E TRISTE CAMINHADA

O beato José Lourenço faleceu em 12 de fevereiro de 1946, com 74 anos, no Sítio União, município de Exu, PE, acometido de peste bubônica, enfermidade causada pela bactéria chamada de *Yersinia pestis*, encontrada em pulgas que ficam em ratos contaminados. O corpo foi levado pelos fiéis a Juazeiro do Norte.



Fotógrafo desconhecido registra a chegada do cortejo fúnebre do beato José Lourenço a Juazeiro do Norte. 1946.

UM VELÓRIO COMPLICADO

José Lourenço era socialmente mal visto, sobretudo pelas elites. O vigário da época, Monsenhor Joviniano Barreto, não permitiu que entrassem com o corpo na Capela de São Miguel, nem aceitou o convite para celebração de missa de corpo presente. A chuva que caía não amoleceu seu coração. Parte do velório ocorreu fora da igreja, na chuva.



O velório sob chuva. Seguidores mais abastados possuíam guarda-chuvas. Os demais, não. 1946.

FUNERAL DE UM LAVRADOR

Sem outra opção, depois de horas ao relento, sob ameaça do Monsenhor Joviniano Barreto ("se não saíssem da porta da igreja ele chamaria as forças policiais"), o velório foi deslocado para a casa do Sr. Eleutério Tavares, um dos muitos lavradores que foram ajudados pelo beato, seguindo depois para o sepultamento no Cemitério do Socorro.



A fotografia mais nítida do ocorrido. O beato, morto, sob chuva. Já havia mal cheiro devido ao tempo transcorrido desde sua morte e que agora se juntava à água que molhava flores murchas também em decomposição...

FUNERAL DE UM LAVRADOR

Letra: João Cabral de Melo Neto

Música: Chico Buarque de Holanda

Esta cova em que estás, com palmos medida
É a conta menor que tiraste em vida
É a conta menor que tiraste em vida

É de bom tamanho, nem largo nem fundo
É a parte que te cabe deste latifúndio
É a parte que te cabe deste latifúndio

Não é cova grande, é cova medida
É a terra que querias ver dividida
É a terra que querias ver dividida

É uma cova grande pra teu pouco defunto
Mas estarás mais ancho que estavas no mundo
Estarás mais ancho que estavas no mundo

É uma cova grande pra teu defunto parco
Porém mais que no mundo te sentirás largo
Porém mais que no mundo te sentirás largo

É uma cova grande pra tua carne pouca
Mas à terra dada, não se abre a boca
É a conta menor que tiraste em vida
É a parte que te cabe deste latifúndio
É a terra que querias ver dividida
Estarás mais ancho que estavas no mundo
Mas à terra dada, não se abre a boca





SERÁ DE TERRA
TUA DERRADEIRA CAMISA:
TE VESTE, COMO NUNCA EM
VIDA.

SERÁ DE TERRA
E TUA MELHOR CAMISA:
TE VESTE E NINGUÉM
COBIÇA.

TERÁS DE TERRA
COMPLETO AGORA O TEU
FATO: E PELA PRIMEIRA
VEZ, SAPATO.

COMO ÉS HOMEM,
A TERRA TE DARÁ CHAPÉU:
FOSES MULHER, XALE OU
VÉU.

TUA ROUPA MELHOR
SERÁ DE TERRA E NÃO DE
FAZENDA: NÃO SE RASGA
NEM SE REMENDA.

TUA ROUPA MELHOR
E TE FICARÁ BEM CINGIDA:
COMO ROUPA FEITA À
MEDIDA.

JOÃO CABRAL DE
MELO NETO

IN: MORTE E VIDA
SEVERINA, 1954/55.